



## **FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO**

Lidiane Gonzaga Chiare - FURB<sup>1</sup>

Rita Buzzi Rausch- FURB<sup>2</sup>

### **1. RESUMO**

Este artigo apresenta resultados decorrentes da inserção na atividade intitulada “Projeto de Formação no CEI”, constituída no interior de um Centro de Educação Infantil do município de Blumenau no ano de 2010. A coleta de dados foi realizada por meio de notas do campo, nas quais foram registradas observações acerca de cinco encontros de formação decorrentes do Projeto. Os resultados apontaram que a formação oportunizada por meio do Projeto é valorizada pelos sujeitos que dela participam, por ser um espaço favorável ao diálogo, trocas de experiências entre pares e ao exercício individual e coletivo de seus processos reflexivos; resulta no sentimento de valorização profissional para os sujeitos participantes, que se manifestam satisfatoriamente sobre a possibilidade de partilhar experiências e socializar com profissionais inseridos em outras instituições de Educação Infantil. Como desafios, foram identificados aspectos como planejamento e tempo, os quais têm impedido o melhor aproveitamento dos encontros de formação. Inferimos que tais desafios distanciam, na atualidade, o “Projeto de Formação no CEI” de uma prática de formação continuada incorporada ao cotidiano da instituição infantil.

**Palavras-chave:** Formação Continuada. Educação Infantil. Projeto de Formação no CEI.

### **2. INTRODUÇÃO**

Ao abordarmos a questão da formação docente no campo da Educação Infantil, é preciso situar sua posição no cenário brasileiro, mencionando os principais fatos que demarcaram sua constituição enquanto modalidade de ensino.

Vinculada a um passado de práticas predominantemente assistencialistas e compensatórias, a Educação Infantil brasileira se constituiu como “direito da criança” a partir da Constituição Nacional de 1988. A década de 90 configurou um período de discussões acerca deste direito, tendo como marco principal o reconhecimento da Educação Infantil como modalidade de ensino e contemplada como “primeira etapa da Educação Básica” na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB – Lei nº 9.394/96).

---

<sup>1</sup> [lidiane\\_gonzaga@hotmail.com](mailto:lidiane_gonzaga@hotmail.com)

<sup>2</sup> [rausch@furb.br](mailto:rausch@furb.br)

A partir dessa inserção, vem sendo crescentes no país discussões acerca das necessidades formativas específicas para o profissional que atua junto à criança pequena, desde a formação inicial oferecida em nível de graduação nos cursos de Pedagogia, até a oferta de formação continuada como prática a ser garantida pelas redes de ensino. Conforme

preceituado no artigo 62, inciso 1º da Lei nº 9.394/96, “a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.” (BRASIL, 1996, *site*). No Referencial para a Formação de Professores, a formação continuada é destacada como

[...] necessidade intrínseca para os profissionais da educação escolar, e faz parte de um processo permanente de desenvolvimento profissional que deve ser assegurado a todos. A formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto-avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais (BRASIL, 2002, *site*).

Embora a oferta de formação continuada esteja garantida aos profissionais da Educação Básica como direito na legislação e contemplada no Referencial e em outros documentos norteadores nacionais, o acesso e as condições sob as quais a mesma é oportunizada aos profissionais de Educação Infantil ainda se configura nos dias atuais como um desafio a ser superado. Como aponta Kramer (2006, s/p)

A formação de profissionais da educação infantil – professores e gestores – é desafio que exige a ação conjunta das instâncias municipais, estaduais e federal. Esse desafio tem muitas facetas, necessidades e possibilidades, e atuação, tanto na formação continuada (em serviço ou em exercício, como se tem denominado a formação daqueles que já atuam como professores) quanto na formação inicial no ensino médio ou superior.

Trazemos estas questões para a realidade do município de Blumenau no qual realizamos a pesquisa, no qual tem sido possível identificar entre as práticas da rede pública municipal a oferta de formação continuada aos profissionais que atuam na Educação Infantil. Sob diferentes nomenclaturas e gestões públicas, a formação continuada tem sido ofertada aos profissionais de Educação Infantil sob diferentes formatos: palestras, seminários, e mais recentemente, por meio da proposta intitulada “Projeto de Formação no CEI.”

O “Projeto de Formação no CEI” surgiu como uma modalidade de formação continuada proposta pela Secretaria Municipal de Educação de Blumenau no ano de 2006, com o objetivo de incentivar práticas de formação descentralizadas, a serem realizadas no interior dos Centros de Educação Infantil, instituições pertencentes à rede municipal de ensino de Blumenau responsáveis pelo atendimento das crianças entre 0 e 6 anos e popularmente conhecidas como CEI’s.

O “Projeto de Formação no CEI” é encargo das Equipes Gestoras dos Centros de

Educação Infantil da rede municipal, cabendo a elas, de acordo com o contexto e as necessidades formativas específicas diagnosticadas junto aos profissionais de cada instituição, planejar os encontros, articular com suas equipes pedagógicas a escolha de horários, datas e temas para estudo, mediante diretrizes apontadas pela Secretaria Municipal de Educação (BLUMENAU, 2009).

O “Projeto de Formação no CEI” foi proposto como uma modalidade facultativa de formação continuada para os profissionais atuantes nas instituições que desejassem aderir-la, o que ocorreu no Centro de Educação Infantil X, cenário de nossa pesquisa.

Neste contexto se insere o presente artigo, que objetiva apresentar a experiência de inserção vivenciada no ano de 2010, quando participamos do “Projeto de Formação no CEI” realizado no interior de uma instituição da rede pública municipal de Blumenau, nominada como Centro de Educação Infantil X.

Inseridos na instituição, obtivemos subsídios para compreender as implicações do “Projeto de Formação no CEI” enquanto modalidade de formação continuada descentralizada, praticada no interior da instituição, bem como para tecer considerações acerca desta prática por meio das situações que observamos.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

A formação continuada centrada do ambiente das escolas é uma prática defendida por Nóvoa (1995). Para o autor, “as situações que os professores são obrigados a enfrentar apresentam características únicas, exigindo portanto respostas únicas” (1995, p. 27). As práticas de formação instituídas nos espaços educativos devem tomar como referência as dimensões individuais e coletivas da profissão docente, num movimento que compreenda o compartilhamento de experiências entre pares e a autonomia de cada professor acerca “da responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional” (1995, p.27). Nóvoa aponta a necessidade de passar a formação de professores para “dentro” da profissão, tomando como base as situações que vivenciam em seus contextos escolares, oportunizando o diálogo entre pares em sua própria instituição, na busca de soluções que venham de encontro aos dilemas e experiências de cada equipe de ensino em sua realidade singular.

Remetendo este pensamento ao contexto da Educação Infantil, isto implica em oportunizar aos profissionais espaços de avaliação e discussão entre as demais atividades desenvolvidas nas instituições, para que a formação aconteça como um processo contínuo e

integrado ao cotidiano, configurada não somente como necessidade, mas como direito e premissa para a oferta de uma Educação Infantil de qualidade.

A formação é necessária não apenas para aprimorar a ação do profissional ou melhorar a prática pedagógica. A formação é direito de todos os professores, é conquista e direito da população, por uma escola pública de qualidade. Podem os processos de formação desencadear mudanças? Sim, se as práticas concretas feitas nas creches, pré-escolas e escolas e aquilo que sobre elas falam seus profissionais forem o ponto de partida para as mudanças que se pretende implementar (KRAMER, 2005, p. 224).

Desta forma, elegemos como objeto de estudo o “Projeto de Formação no CEI”. Nossa inserção teve o intuito de conhecer desta prática, compreender suas possibilidades e limitações enquanto atividade de formação continuada constituída no interior do Centro de Educação Infantil.

A definição do nosso tema de estudo ocorreu no mês de abril de 2010, no qual solicitamos autorização da Secretaria Municipal de Educação de Blumenau. Mediante a aprovação desta instância, no mesmo mês estabelecemos contato telefônico com a Equipe Gestora do Centro de Educação Infantil X, explicando nosso objetivo de inserção no “Projeto de Formação no CEI”, que seria iniciado no mês de maio de 2010.

Ainda no mês de abril de 2010, visitamos a instituição, conversamos com a Equipe Gestora e a Equipe Pedagógica, e recebemos de ambas o consentimento para participar dos cinco encontros previstos para o “Projeto de Formação no CEI” no ano de 2010, organizados conforme cronograma que apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 1: Cronograma dos encontros do Projeto de Formação 2010 no Centro de Educação Infantil X

<b>Encontros</b>	<b>Datas</b>	<b>Temas</b>
1º	11/05/10	Conhecendo novos Espaços – Visita ao CEI W
2º	08/06/10	Um Encontro com a Música
3º	17/08/10	A Indissociabilidade entre o Educar e o Cuidar
4º	05/10/10	Conhecendo novos Espaços – Visita ao CEI Y
5º	23/11/10	Reflexão, Avaliação e Ressignificação: “Projeto de Formação no CEI”

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir de informações coletadas na instituição.

Os cinco encontros aconteceram no período vespertino, dos quais participaram sete docentes atuantes no Centro de Educação Infantil X e dois membros da Equipe Gestora. Nossas observações foram registradas por meio de notas de campo, redigidas durante e após cada encontro e para nós representando “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê,

experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 150). A partir das observações registradas em notas de campo, tecemos considerações organizadas em unidades correspondentes aos encontros do “Projeto de Formação no CEI” realizados no Centro de Educação Infantil X no ano de 2010.

### **3.1. CONHECENDO NOVOS ESPAÇOS – VISITAS AOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL “W” E “Y”**

Conforme apresentamos no Quadro 01, o “Projeto de Formação no CEI” realizado no Centro de Educação Infantil X no ano de 2010 teve início por meio da proposta “Conhecendo Novos Espaços”, cujo intuito foi possibilitar aos profissionais do Centro de Educação infantil X o acesso a contextos, espaços e práticas de Educação Infantil diferentes daquelas encontradas diariamente na instituição em que atuam. A primeira visita decorrente da atividade “Conhecendo Novos Espaços” aconteceu no mês de maio de 2010, com destino ao Centro de Educação Infantil W, e a segunda visita foi realizada no mês de outubro do referido ano, rumo ao Centro de Educação Infantil Y. Embora as visitas tenham sido realizadas em duas instituições distintas, os encaminhamentos e observações que presenciamos são semelhantes, por serem ambas componentes da atividade “Conhecendo Novos Espaços”. Assim, apresentaremos registros efetuados em notas de campo, nos quais narramos e tecemos considerações sobre as passagens ocorridas no ato da visitas aos dois Centros de Educação Infantil, identificados pelas letras W e Y.

Antes de o grupo sair para realizar a visita, a coordenadora reuniu os participantes para repassar algumas orientações acerca da atividade “Conhecendo Novos Espaços”: pediu que ao visitar o Centro de Educação Infantil W, aproveitassem para observar a organização dos espaços, fazer questionamentos aos profissionais que lá atuam sobre as rotinas, planejamentos, enfim, todos os aspectos pedagógicos e organizacionais da instituição. Combinou com o grupo que, ao retornar da visita, seria feita uma socialização das impressões que cada visitante teve, com a finalidade de discutir ideias, possibilidades de inovações ou adaptações que pudessem ser colocadas em prática a partir do que foi visto no local visitado. (Notas de campo, 11/05/10)

A dinâmica da segunda visita iniciou de modo semelhante ao já observado na primeira, realizada há meses atrás: combinados prévios da Coordenadora a respeito da observação a ser realizada no Centro de Educação Infantil Y, e sobre a socialização a ser realizada no momento do retorno. (Notas de campo, 05/10/10)

A ação proposta pela Coordenadora objetivou estimular o desenvolvimento de olhares críticos perante novos cenários e fazeres pedagógicos. Em nossa compreensão, a possibilidade de deixar sua instituição de origem e transitar por outros espaços educativos para socializar experiências com novos pares adquire um sentido de partilha, visto que transcende as práticas cotidianas e possibilita cruzar fronteiras rumo à socialização com outros docentes. Em nosso contexto de pesquisa, tal movimento se deu por meio da observação intencional e planejada de novas realidades educativas voltadas para o atendimento de crianças pequenas e no diálogo com seus profissionais.

Chegando ao Centro de Educação Infantil W, fomos recebidos pela coordenadora da instituição. Num primeiro momento, ela convidou todos os visitantes para se aconchegar na biblioteca. Lá, passou a apresentar a instituição: seu histórico, as ações pedagógicas, as rotinas, o planejamento. Os visitantes levantavam questionamentos do tipo: “como vocês trabalham com a organização dos espaços? E com os empréstimos de livros da biblioteca? Como são realizados os projetos de trabalho?” Após as respostas, era possível perceber que os visitantes faziam entre si comentários comparativos do tipo “ah, no nosso CEI não é assim”, ou “ah, igual a gente faz!”. Outros ainda tomavam nota de alguns dizeres da coordenadora comentando entre si: “isso a gente tem que implantar lá no nosso! Também deveria ser assim!” Depois desta conversa, o grupo foi convidado pela coordenadora a visitar todos os espaços do Centro de Educação Infantil W. Ao passar pelas salas, os visitantes observavam os ambientes e aproveitavam para conversar com os colegas que lá atuavam, em sua maioria repetindo as mesmas perguntas sobre as organizações do cotidiano e outros questionamentos já feitos para a coordenadora. A possibilidade deste diálogo pareceu agradar ambas as partes, pois a troca de informações embora tenha sido breve, transcorreu animadamente (Notas de campo, 11/05/10).

Na visita ao Centro de Educação Infantil Y, a Coordenadora da instituição recebeu o grupo de visitantes, e logo prosseguiu com a visita pelos diferentes espaços externos e internos. Ao passar pelas salas de aula, observamos que os visitantes buscavam conversar com os colegas que lá atuavam, fazendo vários questionamentos, procurando compreender as rotinas, as propostas, as atividades ali executadas. Percebemos que, de modo semelhante ao que havíamos observado na visita realizada em outra instituição há meses atrás, houve bastante diálogo entre os profissionais visitantes e os seus colegas que estavam sendo visitados. A possibilidade de diálogo entre pares de instituições distintas mais uma vez pareceu trazer satisfação a ambas as partes envolvidas (Notas de campo, 05/10/10).

Refletindo sobre os aspectos relatados nas passagens acima, identificamos a observação e o diálogo como premissas fundamentais para o estabelecimento de relações significativas entre os profissionais visitantes e os que foram visitados. Para Freire (2008), “a ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história” (p. 46). A autora destaca ainda que “só podemos olhar o outro e sua história se tivermos conosco uma abertura de aprendiz que se observa em sua própria história” (p.46). Em nossa compreensão, esta condição de aprendiz foi identificada

nas ações dos profissionais visitantes, que ao observar os novos cenários com os quais se deparavam, buscavam extrair deles elementos para refletir sobre o seu próprio contexto de trabalho.

Neste processo, o diálogo que segundo Nóvoa (2011), “é a referência da humanidade” (p. 54), foi o veículo facilitador da reflexão, concretizada por meio dos questionamentos, comparações e relatos de experiência trocados entre os profissionais visitantes e os que foram visitados. Sobre a ação reflexiva identificada neste movimento dialético, destacamos os dizeres de Freire (2008), quando conclama que “toda ação reflexiva leva sempre a constatações, descobertas, reparos, aprofundamento; e, portanto, nos leva a transformar algo em nós, nos outros, na realidade” (p.49). Deste modo, inferimos que ambas as visitas realizadas por meio da atividade “Conhecendo Novos Espaços” se configuraram em potencial de reflexão e de aprendizagem para os profissionais de ambas as instituições envolvidas. Entretanto, identificamos também desafios que interferiram na realização desta prática:

Após conhecer todos os espaços do Centro de Educação Infantil W, os visitantes foram convidados a tomar um café. Ao término deste momento, chegou a hora de os visitantes retornarem à sua própria instituição [...]. Ao chegar no Centro de Educação Infantil X, aguardávamos pelo início da socialização proposta pela Coordenadora antes da visita, como atividade a ser realizada após o retorno. Percebemos então, que os profissionais retornavam para suas salas, ou mesmo despediam-se, rumo à suas casas, encerrando suas atividades para aquele dia. Questionamos a Coordenadora sobre a proposta de socialização, que em nossa compreensão seria a atividade de fechamento. A mesma nos informou que a socialização seria feita no dia seguinte, ou em outro momento, visto que no referido dia, a carga horária dos profissionais já havia se completado. (Notas de Campo, 11/05/10)

Ao retornar à sua instituição de origem, após a visita do CEI Y, os visitantes do Centro de Educação Infantil X retornaram as suas salas ou seguiram para suas casas (a exemplo do ocorrido meses atrás na primeira visita). Desta vez, não houve também a socialização a partir das observações feitas na visita, nem quaisquer comentários sobre a possibilidade de a mesma ser realizada no dia seguinte ou em outro momento. (Notas de campo, 05/10/10)

Em nossa compreensão, o desafio revelado nas passagens acima narradas se volta para o planejamento da atividade “Conhecendo Novos Espaços”, que originalmente incluía um momento para a socialização das observações efetuadas pelos profissionais visitantes nos dois diferentes contextos visitados. A etapa conclusiva não ocorreu em ambas as visitas, em detrimento de fatores como falta de tempo e outras dificuldades organizacionais enfrentadas no cotidiano do Centro de Educação Infantil X.

Ainda assim, evidenciou-se o potencial da atividade “Conhecendo Novos Espaços” enquanto atividade de formação continuada que possibilitou a reflexão de todos os profissionais que nela estiveram envolvidos, mediadas pelo diálogo, veículo condutor das interações que presenciamos.

### **3.2. UM ENCONTRO COM A MÚSICA**

O segundo encontro do Projeto de Formação 2010 aconteceu no mês de junho, no ambiente do próprio Centro de Educação Infantil X. Para abordar o tema “Um encontro com a música”, a Equipe Gestora da instituição convidou uma profissional da área de música, que realizou o encontro no formato de Oficina, na qual ministrante e participantes interagiram por meio de discussões acerca da importância da música no cotidiano da Educação Infantil, intercaladas com atividades práticas entre as quais foram cantadas canções, bem como praticadas coreografias e exercícios corporais.

Segundo nos relatou a profissional ministrante da Oficina, o material preparado para o encontro de formação “Um encontro com a música” foi elaborado com o propósito de oportunizar aos participantes da oficina uma sensibilização inicial para a importância da música no cotidiano da Educação Infantil, visto que este é um tema abrangente e não “se esgota” num período de duas horas. Diz ainda que é fundamental esta sensibilização dos adultos que trabalham com a criança, pois é por meio destes, que a música é a elas oportunizada (Notas de campo, 08/06/10).

No decorrer das atividades propostas, observamos a articulação entre os conceitos teóricos apresentados pela ministrante com as experiências relatadas pelos participantes, mediadas constantemente pelo diálogo.

Ao trabalhar aspectos conceituais sobre o tema música, a ministrante falou sobre as relações do ser humano com o mundo que segundo ela, é “musical”, repleto dos mais diversos tipos de sons: sons do cotidiano, emitidos pelo próprio corpo, sons organizados sob a forma das mais diversas canções e cantigas... Falou sobre a responsabilidade dos adultos em oportunizar às crianças o acesso a diferentes estilos musicais, auxiliando-as a ampliar seus repertórios, destacando o papel dos profissionais do Centro de Educação Infantil nesta construção. Por sua vez, os participantes apresentavam casos e procuravam tirar suas dúvidas com a ministrante. Buscavam respostas para questões como: Que músicas são mais apropriadas para se trabalhar com determinada idade? Devemos vetar a audição de canções popularizadas pela mídia dentre os repertórios que ouvimos com as crianças no Centro de Educação Infantil? A ministrante problematizava cada questionamento levantado, e por meio do diálogo, o grupo fazia considerações sobre os casos levantados, produzindo suas conclusões coletivamente. (Notas de campo, 08/06/10)

Dentre os aspectos que observamos neste encontro de formação, destacamos a interação que se fez presente durante todo o tempo entre a ministrante e os participantes. A possibilidade de trocar experiências, apresentar casos e discutir dúvidas decorrentes de suas realidades caracterizou o encontro de formação como um espaço dialogado de aprendizagem para os profissionais que o compartilharam. Neste sentir, nos remetemos aos dizeres de Nóvoa (1995), quando ao discutir a formação centrada na escola, postula reflexões entre pares nas quais os sujeitos mais experientes contribuem com a formação de colegas menos experientes. Remetendo estes dizeres ao nosso contexto de pesquisa, identificamos o papel da ministrante da oficina como sujeito mais experiente no conhecimento específico que se tratou na formação (música), mediando os processos de reflexão dos sujeitos menos experientes no assunto abordado, neste caso, os participantes da oficina. No cerne desta relação, esteve a aquisição do conhecimento, compartilhada por todos os agentes envolvidos no processo.

Ao término do encontro de formação, um dos participantes pede a palavra. Em nome do grupo, agradece a ministrante da oficina pelos conhecimentos adquiridos, e em especial, pela oportunidade de falar, perguntar e trocar ideias. Neste momento, outros participantes se manifestam, reforçando os dizeres do primeiro. Entre os agradecimentos, dizem que participar de um encontro assim “recarrega as baterias, faz a gente se sentir valorizado, pelo simples fato de poder ser ouvido, colocar nossas dúvidas e nossas opiniões”. Mencionam ainda que “toda formação deveria ser assim, a teoria junto com a prática, a gente podendo ouvir, mas também podendo falar da nossa realidade, a gente aprende muito mais. Pena que o tempo é pouco”. (Notas de campo, 08/06/10).

Identificamos ainda a importância atribuída pelos participantes acerca do ato de falar, de se manifestar a respeito de seus fazeres como aspecto que contribui para o sentimento de valorização profissional. Estudos de Marchesi (2008) acerca das emoções dos professores indicam que a construção da identidade profissional docente depende da valorização social a ele concedida na instituição em que atua, pelos colegas de profissão e pela sociedade em geral. O bem estar emocional decorrente desta valorização é considerado pelo autor “condição necessária para a boa prática educativa, visto que “é preciso sentir-se bem para educar bem”. (MARCHESI, 2008, p.121). A satisfação manifestada nos dizeres dos profissionais do Centro de Educação Infantil X nos levou também a refletir o espaço da formação como contributo para a satisfação de demandas emocionais dos profissionais que dela participam.

Entretanto, identificamos pela segunda vez a problemática do tempo disponibilizado para a realização do encontro de formação, que segundo os dizeres dos participantes “é pouco” para discutir satisfatoriamente o tema proposto. Consideramos essa questão como um

desafio, que aponta para a necessidade de maior investimento acerca do planejamento e do tempo destinados para a realização dos encontros decorrentes do “Projeto de Formação no CEP”, e no traçar de possibilidades que permitam concluir satisfatoriamente esta atividade, contemplando todas as suas etapas.

### **3.3. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE O EDUCAR E O CUIDAR**

O terceiro encontro de formação foi realizado no mês de agosto no próprio Centro de Educação Infantil, sob o formato de Palestra intitulada “A Indissociabilidade entre o Educar e o Cuidar”. Para falar sobre o assunto, foi convidada uma palestrante que abordou o tema junto ao grupo de profissionais do Centro de Educação Infantil X pelo período de duas horas.

A palestrante iniciou sua fala chamando a atenção dos participantes sobre certas posturas tomadas pelos adultos em relação à criança: [...]. Quanto ao tema da palestra, afirmou que a Indissociabilidade entre o Educar e o Cuidar é “nada mais do que dar atenção à criança como pessoa em contínuo desenvolvimento, identificando suas necessidades. Todas as atividades são pedagógicas, o que diferencia é quem media a ação e a forma como ela é mediada. Para isto, é preciso ter uma organização, um planejamento e um currículo, sendo este último “o Coração da Educação Infantil”. É preciso pensar em que tempo estamos, que criança encontramos, e pensar em propostas curriculares que considerem a realidade da criança contemporânea (Notas de campo, 17/08/10).

Nos dizeres da palestrante identificamos questões que permeiam discussões atuais acerca da Educação Infantil. A discussão referente ao binômio “educar e cuidar” pode ser encontrada em diversas produções científicas que discutem a Educação Infantil. Cacheffo (2010) realizou um mapeamento bibliográfico entre as produções científicas veiculadas em periódicos nacionais de Qualis A e B, e textos do Grupo de Trabalho das Reuniões da ANPED, no período compreendido 1999 e 2009 que tratassem do currículo da Educação Infantil e das práticas de seus profissionais. Entre 31 trabalhos encontrados no GT Educação da Criança de 0 a 6 anos e 29 artigos publicados em periódicos nacionais, a pesquisadora identificou tendências e regularidades, e no que se refere à dimensão cuidar e educar. Foram constatadas práticas de cuidado e educação desarticuladas, consideradas distintas, sem integração e com ênfase nos cuidados físicos.

Estes indicativos apontam para a necessidade de refletir sobre a função e a formação do professor de educação infantil, e sobre o desafio de formar profissionais que desenvolvam práticas articuladas de cuidados e educação da criança pequena, permitindo interações sociais e afetivas que qualifiquem significativamente o desenvolvimento infantil.

Por sua vez, os dizeres da palestrante em relação ao currículo para a Educação Infantil nos remetem as discussões de Haddad (2009). A pesquisadora identificou tensões entre as perspectivas de construção de um currículo que garanta identidade própria à Educação Infantil, em detrimento de propostas que concebem o currículo da Educação Infantil como preparatório para o ingresso no ensino fundamental:

Em um dos pólos, situa-se a função de fortalecer nas crianças competências na assimilação de informações úteis ao seu futuro escolar e também na vida. Trata-se de um modelo que prioriza as relações ensino-aprendizagem e busca garantir a aquisição de conhecimentos básicos e o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à integração da criança e seu sucesso no futuro [...]. No outro pólo, a ênfase recai sobre as especificidades da Educação Infantil, que partilha com a família a tarefa de cuidar e educar a criança e não se adequa às mesmas normas e parâmetros tradicionalmente presentes no ensino fundamental. Essa posição rejeita ver a criança na condição de aluno e ter o ensino como objeto fundamental da ação do professor. Essa distinção define o objeto e a função da Educação Infantil de forma qualitativamente diferente das instituições escolares (p. 435).

Consideramos ambas as questões apresentadas elementos para uma discussão que assume sentido quando nela se inserem os profissionais que as vivenciam no cotidiano, e compreendemos o lugar da formação como ambiente propiciador para tal exercício. Nosso contexto de investigação revelou neste terceiro encontro a seguinte condição de envolvimento dos participantes nas discussões propostas pela palestrante:

Observamos que a dinâmica do terceiro encontro de formação foi diferenciada daquela encontrada no segundo encontro, o que já podia ser percebido no início: os participantes se posicionaram em seus lugares em sua maioria com cadernos nas mãos, na expectativa de ouvintes. No decorrer da explanação da palestrante, cujos conteúdos foram apresentados em Power Point, os participantes procuravam em sua maioria copiar o conteúdo dos slides. Poucas questões foram levantadas: neste encontro de formação, predominou o discurso da palestrante e entre os participantes, o silêncio. Entretanto, ao final da palestra os participantes se manifestaram agradecendo, afirmando que “sempre é importante ouvir alguém falar sobre isso, sobre nossas atitudes em relação à criança, sobre educar e cuidar, sobre currículo e o que trabalhar com a criança, isso faz a gente refletir. É importante pensar na nossa própria prática, em algumas coisas que muitas vezes não temos tempo no dia a dia.” (Notas de campo, 17/08/10)

O terceiro encontro de formação transcorreu em um movimento diferenciado dos encontros anteriores, nos quais as interações e o diálogo prevaleceram em seu decorrer. As manifestações dos participantes ao final do encontro sinalizaram a existência de atividade reflexiva, praticada por cada profissional em torno de suas práticas pedagógicas. Ao levantarmos a questão da reflexão, mencionamos Alarcão (2005), quando destaca que “se a vida dos professores tem o seu contexto próprio, a escola, esta tem de ser organizada de modo

a criar condições de reflexividade individuais e coletivas” (2005, p. 44). Para a autora, os processos reflexivos do professor perpassam por diálogos “consigo próprio, com os outros, com a própria situação” (ALARCÃO, 2005, p. 45), ou seja, a reflexão é um processo veiculado por diferentes vertentes do pensamento docente.

Remetendo estes dizeres ao nosso contexto de pesquisa, compreendemos que os profissionais participantes do terceiro encontro exercitaram a dimensão individual de seus processos de reflexão, fato que foi manifestado em seus dizeres ao final do encontro. Entre os desafios, figura novamente a questão do tempo, mencionado como o principal empecilho para que esta reflexão seja praticada no dia a dia.

### **3.4. REFLEXÃO, AVALIAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO PROJETO DE FORMAÇÃO NO CEI**

O quinto e último encontro do Projeto de Formação foi realizado no Centro de Educação Infantil X. Conduzido pela Equipe Gestora e praticado na modalidade relato de experiência, visou promover uma avaliação coletiva entre os participantes do “Projeto de Formação no CEI” executado no decorrer do ano de 2010, e possibilitar a discussão de novos temas e modalidades a serem aplicados aos encontros do próximo Projeto, a ser elaborado coletivamente para o ano de 2011.

Segundo a coordenadora, o último encontro foi planejado para ser um espaço bem democrático, onde todos os participantes possam falar sobre o que acharam dos encontros de 2010, sobre o que esses encontros contribuíram com sua prática na sala junto às crianças, sobre o que estão realmente aplicando e não menos importante, para coletar ideias e sugestões para o Projeto do ano seguinte, pois é preciso pensar desde já. Ela diz ainda, que é preciso ter uma continuidade no que foi proposto, e nada melhor do que decidir isso coletivamente, para dar mais significado ao que será realizado. (Notas de campo, 23/11/10)

Observamos que a proposta inicial do encontro não se consolidou por completo, pois em seu decorrer, as discussões se voltaram para outras questões acerca do trabalho desenvolvido no Centro de Educação Infantil.

No início do encontro, a Diretora propôs que os participantes estivessem à vontade para se manifestar, acerca dos encontros de formação realizados em 2010 indagando questões como: Foi bom? Foi válido? O que você realmente levou para sua prática? Como devemos organizar no próximo ano? O que vocês gostaram mais? Os participantes se manifestaram vagamente, dizendo que tudo foi bom e válido. Entre seus dizeres, se destacaram as visitas realizadas em outros CEI's, que segundo eles foi o mais proveitoso de tudo que viram nos encontros de formação. Entre os comentários, nada se mencionou sobre o que foi colocado em prática junto às

crianças, conforme proposto inicialmente. A avaliação dos encontros foi breve, logo cedendo espaço a outras discussões, nas quais se destacaram reivindicações para reformas, compras de objetos, e outras questões relativas ao espaço físico da instituição. Esta temática tomou a maior parte do tempo do encontro, e uma vez iniciada, estendeu-se até o final. Mediante este fato, permanecemos com a sensação de que os objetivos propostos para o encontro não se concretizaram em sua totalidade. (Notas de campo, 23/11/10)

As observações que presenciamos e registramos em notas de campo nos levaram a refletir sobre o objetivo inicial deste encontro de formação que, se confrontado aos resultados obtidos ao término do mesmo, sinaliza certo distanciamento. Em nossa compreensão, o último encontro de formação do “Projeto de Formação no CEI” carregava em si um potencial singular, visto que o seu propósito era possibilitar aos profissionais participantes dos encontros no ano de 2010 um exercício que permitiria, além de avaliar os encontros realizados no referido ano, traçar perspectivas e discutir possibilidades para o “Projeto de Formação no CEI” a ser praticado no ano de 2011. Compreendemos que tal exercício, se aproveitado pelos profissionais atuantes no Centro de Educação Infantil X, teria assumido um caráter de reflexão coletiva, permitindo planejar coletivamente as ações formativas de acordo com as necessidades e especificidades de seu contexto de trabalho. Entretanto, a temática do encontro se desviou para decisões acerca de materiais de consumo e aspectos referentes à estrutura física da instituição, o que em nossa compreensão denotou a ausência de planejamento consistente acerca dos objetivos do encontro, e de compreensão dos participantes no que tangeu à sua intencionalidade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As observações decorrentes da inserção no “Projeto de Formação no CEI” apontaram para compreensões que se desdobram entre possibilidades e desafios. No que tange às possibilidades, compreendemos que os encontros de formação decorrentes do “Projeto de Formação no CEI” possuem valor para os profissionais que deles participaram, configurando espaços favoráveis para o diálogo, trocas de experiências entre pares e para o exercício das dimensões: individual e coletiva de seus processos reflexivos. Tal condição resulta ainda, em um sentimento de valorização profissional para os sujeitos participantes, que em sua maioria, manifestam-se satisfatoriamente acerca da possibilidade de partilhar experiências com seus pares por meio do diálogo, em especial sobre a possibilidade de socializar com profissionais inseridos em outros contextos, em outras instituições de Educação Infantil. Destacamos ainda, a pertinência dos temas abordados nos encontros de formação como contributo para os fazeres dos profissionais do Centro de Educação Infantil X.

Entre os desafios identificados por meio de nossa inserção no “Projeto de Formação no CEI” figuram os aspectos centrais planejamento e tempo, apontados como insuficientes para contemplar a realização dos encontros decorrentes do Projeto de maneira satisfatória. Tal aspecto revela fragilidades no que se refere à compreensão de sua intencionalidade, por parte dos participantes e da própria Equipe Gestora, responsável pela organização dos encontros.

As dificuldades decorrentes destes aspectos têm impedido, na atualidade, que a proposta se consolide como uma atividade verdadeiramente integrada ao cotidiano do Centro de Educação Infantil X, condição que nos leva a questionar o *status* do “Projeto de Formação no CEI” enquanto atividade de formação continuada.

Contudo, consideramos que este “Projeto” se constitui como um significativo movimento, que concede espaço para uma reflexão compartilhada dos profissionais envolvidos, considerando os dilemas e necessidades implícitos em seu contexto singular de trabalho. Desta forma, entre possibilidades e desafios, o “Projeto de Formação no CEI” pode ser considerado um exercício inicial de autonomia docente acerca de seus percursos de formação, a ser refletido, aprimorado e incorporado no cotidiano da instituição infantil.

## **5. REFERÊNCIAS:**

BLUMENAU. **Projeto Político Pedagógico**. Centro de Educação Infantil X. Blumenau, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96. **Disponível em:** <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. **Acesso em: 13 nov. 2011.**

BRASIL. MEC/SEF. Referenciais para a Formação de Professores. **Brasília, 2002.** **Disponível em:** < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000511.pdf>>. **Acesso em: 13 nov. 2011.**

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto. **Análise de estudos realizados entre 1999-2009 sobre interações sociais e afetivas, Cuidar e Educar – Desafios a formação do professor de Educação Infantil**. In: X EDUCERE – Congresso Nacional de Educação, 2011, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. 1 cd.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HADDAD, Lenira. Tensões universais envolvendo a questão do currículo para a Educação Infantil. In: DALBEN, Ângela [et.al.] (org). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Coleção Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

**KRAMER, Sonia**. Profissionais de Educação Infantil: Gestão e Formação. **São Paulo: Ática, 2005**.

\_\_\_\_\_. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e/é fundamental. **Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 27, n. 96, out. 2006. p. 797-818**. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302006000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 out. 2011.

**MARCHESI, Álvaro**. O bem estar dos professores. **Porto Alegre: Artmed, 2008**.

**NÓVOA, António**. Os professores e sua formação. **Lisboa: Dom Quixote, 1995**.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

**OSTETTO, Luciana Esmeralda**. Planejamento em Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, 2000. Pgs. 175-196.

SACRISTÁN, J. Gimeno. PEREZ GOMEZ, A.I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.

**ZABALZA, Miguel A**. Qualidade em Educação Infantil. **Porto Alegre: Artmed, 1998**.